

KILMENY
De POMAR

LUCY MAUD MONTGOMERY



KILMENERY Do POMAR

TRADUÇÃO: VÂNIA VALENTE



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Kilmeny of the Orchard

Revisão
Eliel Cunha

Texto
Lucy Maud Montgomery

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
Vânia Valente

Ilustração de capa
robertocastillo/Suttherstock.com;
ParrotIvan/Shutterstock.com;
MarBom/Shutterstock.com

Preparação
Cristiana Gonzaga Souto Corrêa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787k Montgomery, Lucy Maud
Kilmeny do Pomar / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Vânia
Valente. - Jandira, SP : Principis, 2020.
144 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da Literatura Mundial)

Tradução de: Kilmeny of the orchard
Inclui índice.
ISBN: 978-65-5552-180-1

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Valente, Vânia.
II. Título. III. Série.

2020-2473

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Os pensamentos da juventude	9
Uma carta do destino	18
O mestre da escola de Lindsay	25
Uma conversa na mesa de chá	31
Uma aparição encantadora	37
A história de Kilmeny	47
Uma rosa de feminilidade	56
No portão do éden	65
A simplicidade direta de Eva	70
Uma perturbação das águas	78
Um apaixonado e sua namorada	85
Um prisioneiro do amor	90
Uma mulher doce que nunca respirou	101
No temperamento altruísta dela	111
Algo velho, infeliz e distante	114
A opinião de David Baker	122
Um grilhão quebrado.....	131
Neil Gordon resolve seu problema	136
Vencedor de questões perdidas	141

À MINHA PRIMA
Beatrice A. McIntyre
Este livro é dedicado carinhosamente

“Kilmeny olhou para cima com uma graça encantadora,
Mas nenhum sorriso foi visto no rosto de Kilmeny;
Tão imóvel estava seu olhar, e tão imóvel estavam seus olhos,
Como a quietude que jaz na pradaria esmeralda,
Ou a névoa que dorme em um mar sem ondas.

Tal beleza o poeta nunca poderá declarar,
Pois não havia orgulho nem paixão ali;

Seu semblante era a flor do lírio,
E sua bochecha a flor onze-horas¹ na enxurrada;
E sua voz como a distante melodia
Que flutua ao longo do mar crepuscular.”

O DESPERTAR DA RAINHA

James Hogg

1 No original, *moss rose*, nome científico *Portulaca grandiflora*. (N.T.)



OS PENSAMENTOS DA JUVENTUDE

A luz do sol de um dia no início da primavera, pálido e doce, banhava os prédios de tijolos vermelhos do Queenslea College e o chão ao redor deles, atravessando os bordos e os olmos despídos e incipientes em imagens delicadas e evasivas de dourado e marrom pelos caminhos e persuadindo à vida os narcisos que espreitavam verdejantes e alegremente sob as janelas do vestiário dos estudantes.

Um vento de abril, tão fresco e doce como se estivesse soprando sobre os campos da memória em vez de atravessar ruas sombrias, sibilava nas copas das árvores e açoitava as gavinhas soltas da rede de hera que cobria a frente do prédio principal. Era um vento que cantava muitas coisas, mas o que cantava para cada ouvinte era apenas o que estava no coração de cada um. Para os estudantes universitários que haviam acabado de ser coroados e diplomados pelo “Velho Charlie”, o sério presidente do Queenslea, na presença de uma multidão admiradora de

LUCY MAUD MONTGOMERY

pais e irmãs, namorados e amigos, ele cantou, por acaso, uma alegre esperança de um sucesso brilhante e elevada realização. Cantou os sonhos da juventude que talvez nunca se realizassem, mas pelos quais vale a pena sonhar. Deus ajude o homem que nunca conheceu esses sonhos, que, ao deixar sua alma *mater*, ainda não é rico em castelos aéreos nem dono de muitas propriedades espaçosas na Espanha. Faltou-lhe o seu direito de nascimento.

A multidão saiu do saguão de entrada e se espalhou pelo campus, desfilando pelas muitas ruas além. Eric Marshall e David Baker foram embora juntos. O primeiro havia se formado em Artes naquele dia, à frente de sua turma; o último tinha ido para ver a formatura, quase explodindo de orgulho pelo sucesso de Eric.

Entre esses dois havia uma amizade antiga, provada e duradoura, embora David fosse dez anos mais velho que Eric, como afirma a mera contagem de anos, e cem anos mais velho em conhecimento das lutas e dificuldades da vida, que envelhecem um homem muito mais rápida e efetivamente do que a passagem do tempo.

Fisicamente, os dois homens não apresentavam semelhança um com o outro, embora fossem primos em segundo grau. Eric Marshall, alto, de ombros largos, musculoso, que caminhava a passo leve e fácil, que de alguma forma sugeria força e poder de reserva, era um daqueles homens em relação aos quais os mortais menos favorecidos são tentados seriamente a se perguntar por que todos os direitos da fortuna devem ser dados em abundância a um único indivíduo. Ele não era apenas inteligente e de boa aparência, mas possuía aquele charme indefinível de personalidade que é bastante independente da beleza física ou da capacidade mental. Tinha olhos firmes, azul-acinzentados, cabelos castanho-escuros com um brilho dourado nas ondas quando a luz do sol os atingia e um queixo que dava ao mundo a garantia de um queixo. Era filho de um homem rico, com uma nítida juventude atrás de si e perspectivas esplêndidas adiante. Era considerado um tipo

prático de sujeito, totalmente inocente de sonhos românticos e visões de qualquer tipo.

– Receio que Eric Marshall nunca faça uma coisa quixotesca – disse um professor do Queenslea, que costumava proferir epigramas bastante misteriosos –, mas se o fizer, vai reforçar a única coisa que falta nele.

David Baker era um sujeito baixo, atarracado, com um rosto feio, irregular e encantador; seus olhos eram castanhos, afiados e reservados; sua boca tinha uma curva cômica que se tornava sarcástica, provocadora ou vitoriosa, conforme ele desejasse. Sua voz era geralmente tão suave e musical quanto a de uma mulher; mas alguns poucos que viram David Baker justificadamente zangado e ouviram então os tons emitidos de seus lábios não tinham pressa de repetir a experiência.

Era médico, especialista em problemas de garganta e voz, e estava começando a ter reputação nacional. Fazia parte da equipe do Queenslea Medical College e dizia-se que em pouco tempo ele seria chamado para preencher uma importante vaga na McGill.

Conquistara o caminho do sucesso por meio de dificuldades e inconvenientes que teriam intimidado a maioria dos homens. No ano em que Eric nasceu, David Baker era mensageiro na grande loja de departamentos da Marshall & Company. Treze anos depois, ele se formou com altas honras no Queenslea Medical College. O senhor Marshall lhe havia dado toda a ajuda que o forte orgulho de David podia ser induzido a aceitar, e agora ele insistia em enviar o jovem ao exterior para um curso de pós-graduação em Londres e na Alemanha. David Baker finalmente pagou de volta cada centavo que o senhor Marshall gastara com ele, mas nunca deixou de nutrir uma gratidão entusiasmada pelo homem gentil e generoso, e amava o filho daquele homem com um amor superior ao de irmãos.

Ele acompanhou o curso da faculdade de Eric com um interesse aguçado e atento. Seu desejo era que Eric iniciasse os estudos de Direito ou

LUCY MAUD MONTGOMERY

Medicina agora que ele acabara Artes, e ficou muito desapontado por Eric finalmente ter decidido entrar no negócio do pai.

– É um nítido desperdício de seus talentos – ele resmungou, enquanto voltavam para casa da faculdade. – Você ganharia fama e distinção em Direito. Essa sua linguagem labiosa foi feita para um advogado, e é opor-se completamente à Providência dedicá-la a usos comerciais, uma intervenção totalmente arruinadora nos propósitos do destino. Onde está sua ambição, homem?

– No lugar certo – respondeu Eric, com sua risada pronta. – Não é de sua natureza, talvez, mas há espaço e necessidade para todos os tipos neste nosso país jovem e vigoroso. Sim, estou entrando no negócio. Em primeiro lugar, este tem sido o desejo de meu pai desde que nasci, e o machucaria muito se eu recuasse agora. Ele quis que eu fizesse um curso de Artes porque acredita que todo homem deve ter uma educação tão liberal quanto possa, mas agora que eu tive, ele me quer na empresa.

– Ele não se oporia, se achasse que você realmente queria entrar em outra coisa.

– Ele não. Mas eu realmente não quero, este é o ponto, David. Você odeia tanto uma vida de negócios que não consegue colocar em sua abençoada cabeça que outro homem possa gostar dela. Existem muitos advogados no mundo, talvez demais, mas não há muitos bons homens de negócios honestos, prontos para fazer grandes coisas justas para benefício da humanidade e a edificação de seu país, para planejar grandes empreendimentos e levá-los adiante com inteligência e coragem, para gerenciar e controlar, mirar alto e atingir o objetivo. Estou ficando eloquente, então é melhor parar. Mas ambição, homem! Ora, estou cheio disso, está borbulhando em todos os meus poros. Quero tornar a loja de departamentos Marshall & Company famosa de um oceano a outro. Papai começou na vida como um garoto pobre de uma fazenda da Nova Escócia. Ele construiu um negócio que tem uma reputação provincial. Eu pretendo continuá-lo. Em cinco anos, terá reputação marítima; em

dez, canadense. Quero fazer com que a Marshall & Company represente algo grande nos interesses comerciais do Canadá. Não é uma ambição tão honrosa como tentar fazer o preto parecer branco em um tribunal, ou descobrir alguma nova doença com um nome perturbador para atormentar pobres criaturas que, de outra forma, poderiam morrer pacificamente na bendita ignorância do que as afligia?

– Quando você começa a fazer piadas ruins, é hora de parar de discutir com você – disse David, encolhendo os ombros gordos. – Faça da sua própria maneira e suporte seu próprio destino. Eu preferiria esperar sucesso tentando invadir a cidadela sozinho, tentando desviá-lo de qualquer curso sobre o qual você já houvesse se decidido. Ufa, esta rua mata um sujeito! O que poderiam ter pensado nossos ancestrais para construir uma cidade na encosta de uma colina? Não sou tão esbelto e ativo quanto era no dia da *minha* graduação, dez anos atrás. A propósito, quantas colegas estavam na sua turma? Vinte, se contei direito. Quando me formei, havia apenas duas damas em nossa classe e elas foram as pioneiras do sexo feminino no Queenslea. Elas já haviam passado da primeira juventude, muito carrancudas, rígidas e sérias; não eram amigáveis nem em seus melhores dias. Mas, veja, elas eram mulheres excelentes, oh, muito excelentes. Os tempos mudaram com uma vingança, a julgar pela formação dos estudantes de hoje. Havia uma garota que não devia ter mais de dezoito anos, e ela parecia ser feita de ouro, de pétalas de rosa e gotas de orvalho.

– O oráculo fala em poesia – riu Eric. – Essa era Florence Percival, que liderou a aula de Matemática, já que sou um *gentleman*. Para muitos, ela é considerada a beleza de sua classe. Não posso dizer que essa seja minha opinião. Não me importo muito com esse estilo loiro e infantil de beleza, prefiro Agnes Champion. Você a notou, a garota alta e morena, com laços nos cabelos e uma espécie de vigor carmesim aveludado no rosto, que se destacou em Filosofia?

LUCY MAUD MONTGOMERY

– Eu a notei – disse David enfaticamente, lançando um olhar aguçado para o amigo. – Notei-a mais particular e criticamente porque alguém sussurrou o nome dela atrás de mim e o juntou à informação extremamente interessante de que a senhorita Champion deveria ser a futura senhora Eric Marshall. Então eu olhei fixamente para ela com toda a minha atenção.

– Não há verdade nesse relato – disse Eric em tom de aborrecimento. – Agnes e eu somos melhores amigos e nada mais. Gosto dela e a admiro mais que qualquer mulher que conheço; mas se a futura senhora Eric Marshall existe em carne, ainda não a conheci. Eu nem sequer comecei a procurá-la, e não pretendo nos próximos anos. Tenho mais coisas em que pensar – concluiu ele, em um tom de desdém, pelo qual alguém poderia saber que seria punido em algum momento se o Cupido não fosse surdo e cego.

– Você conhecerá a dama do futuro algum dia – disse David secamente. – E apesar do seu desprezo, arrisco-me a prever que, se o destino não a trouxer em breve, você logo começará a procurá-la. Um conselho, oh, filho de sua mãe. Quando for cortejar, leve seu bom senso consigo.

– Você acha provável que eu deixe isso para trás? – perguntou Eric, divertidamente.

– Bem, desconfio de você – disse David, sacudindo a cabeça de maneira sagaz. – A sua parte das Terras Baixas da Escócia é boa, mas há um traço celta em você, daquela sua avó das Terras Altas, e quando um homem tem isso, nunca se sabe onde vai irromper, ou que dança o conduzirá, especialmente quando se trata desse negócio de namoro. Você tem a mesma probabilidade de não perder a cabeça com alguma pequena idiota ou megera por causa de sua gentileza exterior e de se fazer infeliz por toda a vida. Quando você escolher uma esposa, por favor, lembre-se de que me reservarei o direito de emitir uma opinião sincera sobre ela.

– Dê todas as opiniões que você quiser, mas é a *minha* opinião, e somente a minha, que será importante a longo prazo – replicou Eric.

– Caramba, sim, seu ramo teimoso de uma raça teimosa – rosnou David, olhando-o carinhosamente. – Eu sei disso, e é por isso que nunca me sentirei tranquilo com relação a você até vê-lo casado com o tipo certo de garota. Ela não é difícil de encontrar. Nove em cada dez meninas deste país são próprias para os palácios dos reis. Mas a décima sempre deve ser considerada.

– Você é tão ruim quanto a “Alice inteligente”, do conto de fadas, que se preocupou com o futuro de seus filhos ainda não nascidos – protestou Eric.

– A “Alice inteligente” foi ridicularizada com muita injustiça – disse David gravemente. – Nós, médicos, sabemos disso. Talvez ela tenha exagerado um pouco nos assuntos preocupantes, mas ela estava perfeitamente certa em princípio. Se as pessoas se preocupassem um pouco mais com seus filhos ainda não nascidos, pelo menos até o ponto de oferecer uma herança adequada, física, mental e moralmente para eles, e parassem de se preocupar com eles depois de nascerem, esse mundo seria um lugar muito mais agradável para se viver, e a raça humana faria mais progresso em uma geração do que em toda a história.

– Oh, se você vai citar o seu querido hobby de hereditariedade, não vou discutir com você, David. Mas quanto à questão de me incitar a me apressar e me casar com uma esposa, por que você não... – Estava nos lábios de Eric dizer: “Por que você não se casa com uma garota do tipo certo e dá um bom exemplo?”. Mas ele se controlou. Ele sabia que havia uma velha tristeza na vida de David Baker que não deveria ser excessivamente abalada por gracejos, nem mesmo de uma amizade privilegiada. Ele mudou sua pergunta para: – Por que você não deixa isso para os deuses, a quem apropriadamente o destino pertence? Pensei que você fosse um partidário perseverante da predestinação, David.